

## Drummond: o lado *gauche* do quixotesco

Mestrando Kleyton Ricardo Wanderley Pereira<sup>1</sup> (UFPE-CNPq)

### Resumo:

*De acordo com Ian Watt, Dom Quixote é um dos personagens que melhor representam e compõem os mitos do individualismo moderno, uma vez que estes alimentam, através de seus fracassos emblemáticos, os ideais indefinidos do indivíduo moderno. Em meio à modernidade-mundo de sua época, Carlos Drummond de Andrade cria, desde o primevo de sua obra, o gauche, um elemento estético-existencial para o seu eu-poético que, por estar em um contínuo desajustamento entre sua realidade e a realidade exterior, identifica-se profundamente com as características do personagem cervantino. Assim, é proposta desse trabalho encontrar aproximações possíveis entre o quixotismo de Cervantes e o gauchismo de Carlos Drummond de Andrade. Para tanto, nortearemos a composição crítica do nosso trabalho usando as análises de Ian Watt sobre Dom Quixote, em Mitos do Individualismo Moderno (1997), e de Affonso Romano de Sant'Anna sobre a obra de Drummond, em Carlos Drummond de Andrade: Análise da Obra (1980) e Drummond: o gauche no tempo (1992).*

**Palavras-chave:** Dom Quixote, Carlos Drummond de Andrade, Mitos do Individualismo Moderno.

### Introdução

“O mito é o nada que é tudo”. Este verso inicia o poema Ulisses, de um dos ciclos heráldicos que compõem o livro *Mensagem*, único em português publicado em vida por Fernando Pessoa. Nas palavras do poeta está contida grande parte de sua mística, bem como sua crença no sebastianismo, onde El rei Dom Sebastião retornaria para cumprir a utopia do quinto império português, profecias estas incorporadas por figuras célebres da História de Portugal como o poeta popular e sapateiro Bandarra, no século XVI, e o Pe. Antônio Vieira, no século XVII. A frase exprime a idéia que o poeta tinha dos mitos como motores sociológicos, isto é, como elementos capazes de provocar mudanças nos comportamentos sociais. Segundo Roman Jakobson (2004. p.99), no estudo dedicado ao poema evocado, o oxímoro estabelecido pelas palavras **nada** e **tudo** revela “a impossibilidade que atravessa o próprio poema de ponta a ponta”. Nesse sentido, o mito, na relação comparativa do poema, revela-se tanto na sua negatividade existencial, quanto na positividade sobrenatural de haver o herói, a saber, o nada que ele é historicamente e o tudo que ele representa no nível da mitologia de uma determinada sociedade.

Assim nascem os mitos. Como um “poder central inspirador” (FRYE, 2000. p.22); e, dessa maneira, passam também a ocupar o universo verbal da literatura. Segundo Northrop Frye (2000. p.41), há entre mito e literatura uma relação íntima, uma vez que o segundo

é mais flexível do que o mito e preenche esse universo de modo mais completo: um poeta ou romancista pode trabalhar em áreas da vida humana aparentemente distantes dos deuses vagos e dos resumos narrativos gigantescos da mitologia. Mas **em todas as culturas, a mitologia se funde imperceptivelmente na e com a literatura.** (FRYE, 2000. p.22, grifos nossos).

Isso nos faz crer na interdependência na relação entre os dois fenômenos verbais, isto é, que não há literatura sem mito — os próprios temas literários, por assim dizer, se confundem com a gênese dos mitos. Vale ressaltar, ainda segundo Frye (Cf. 2000. p.42-3), que, no plano da construção verbal, ambos compartilham comumente de elementos conceituais como a analogia e a identi-

dade através das figuras de linguagem freqüentes na literatura e na mitologia, que são o símile e a metáfora.

Tanto Mito quanto Literatura acompanham o *Zeitgeist* de sua época e, por isso, precisam estar constantemente se renovando. Nesse sentido, é o poeta, como operador **inteligentizante** da língua, que exerce papel primordial nessa renovação artística/mítica. A partir do advento da modernidade, observamos que alguns dos dilemas/enigmas da humanidade encontram-se na síntese metafórica do desencantamento do mundo enquanto sistema ontológico e epistemológico. Na dialética do confronto com suas perguntas sem respostas, o indivíduo moderno, múltiplo e contraditório, na errância de suas próprias histórias, mergulha no desafio da própria História na busca de novos parâmetros que possam responder, mesmo que apenas de imediato, as aporias de sua geração. Assim, membro de uma vasta multidão de solitários, ele vê nos mitos a possibilidade de mediação entre o mundo em que vive e as frustrações causadas pela impossibilidade de realização de seus almejos. Nesse sentido, em busca de novas respostas é que

Mudam o leitor e a leitura, o espectador e a perspectiva, o texto e o contexto, o dito e a desdita. Tanto é assim, tantas e tais são as recriações dos mitos, que eles transbordam das suas origens, seja como texto seja como contexto. Adquirem significados e conotações surpreendentes, como que se renovando de época em época, ou de geração em geração, segundo as configurações histórico-culturais em que se encontram os leitores e as leituras, as figuras e as figurações que povoam o imaginário dos que ouvem, olham, lêem, observam. (IANNI, 2000. p.21)

Necessitando renovar-se, o mito vai, através das épocas, sendo revelado por aquilo que nele permanece de resposta. O indivíduo moderno aproxima, então, suas buscas do cerne do individualismo, fruto do pensamento da razão iluminista e do pensamento burguês — atualmente agravado pela expansão do capitalismo e dos ideais de (falso) desenvolvimento. Apesar de ser tão difícil de definir quanto o próprio mito, o individualismo é um fenômeno moderno e característico da cultural ocidental. É algo que se institucionalizou a partir da base da idéia cristã de que “cada indivíduo seria uma entidade moralmente autônoma” (WATT, 1997. p.236).

Ao longo dos tempos, respeitando as diferenças geográficas e culturais, tal conduta passa a refletir, de um lado, suas concepções sociológica e histórica; e do outro, a ética e a psicológica. Não à toa, os mitos escolhidos pelas civilizações modernas para representar suas utopias refletem os valores de sua época. Segundo o crítico literário inglês Ian Watt, atualmente, os personagens que melhor representam e compõem os mitos do individualismo moderno são: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe. Isso acontece porque “o mito procura dar respostas às questões mais ou menos factuais ou racionais” (WATT, 1997. p.228) e que, por assim dizer, o indivíduo moderno se identifica com tais mitos porque estes alimentam “ideais indefinidos, e não são capazes de torná-los realidade. Em sentido óbvio, eles não são vencedores, são fracassos emblemáticos” (WATT, 1997. p.233).

## **1 Dom Quixote: um contramito literário**

Como mito do individualismo moderno, consideramos, em princípio, o Quixote como um “contramito” porque, de acordo com Watt, ele nasce na contramão da própria gênese do mito, isto é, a partir de uma criação literária e não de uma figura histórica, ou modelo da vida real. No entanto, vale destacarmos que, da mesma maneira como ocorre com os outros mitos, ele acaba se fixando de uma forma muito simples na consciência popular e, com isso, atravessa inúmeras gerações e é sempre visitado por elas. Visto dessa forma, para termos uma idéia mais próxima de como aconteceu com o próprio Quixote, observemos a criação de termos popularizados advindos dos nomes dos personagens do romance para designar características peculiares a eles: **Dom Quixote**, ou o termo quixotesco, por exemplo, utilizado para designar “uma pessoa generosa que age sem esperança de sucesso e desprovida de realismo” (NERLICH, 2003. p.126); outro, o de **Dulcinéia Del Toboso**,

seria usado na mesma época para indicar “jocosamente uma mulher que inspire uma paixão romanesca” (2003. p.126); além disso, a expressão “lutar contra moinhos de vento” — referência explícita ao episódio onde Quixote luta contra moinhos tomando-os por gigantes — continua sendo usada até os dias atuais para designar uma luta inútil, já perdida.

Na esperança de melhor compreender a evolução nas leituras do texto cervantino, observemos como ele foi recebido pela crítica ao longo das épocas. Há dois textos que nos ajudarão nessa “peleja contra moinhos de vento”. Tanto o texto de Antony Close<sup>1</sup>, sobre as várias recepções do Quixote ao longo dos anos, como o artigo de Michael Nerlich são de fundamental importância para a compreensão histórica e estética do romance de Miguel de Cervantes. Segundo os autores, o livro, a princípio considerado apenas cômico, ganha novas leituras na cadeia de sua recepção pelo público leitor através dos seus pouco mais de quatrocentos anos. Como ponto de fundamentação do texto e pauta de concordância entre si, ambos consideram o período do romantismo alemão relevante para a compreensão moderna do Quixote, uma vez que nessa época a obra foi considerada como elemento fundamental à crença na alma de um povo, espírito próprio dos românticos o de acender a chama da leitura nacionalista na obra, a idealização da arte como síntese simbólica do pensamento de uma época e a convicção a priori sobre a profundidade enigmática das obras clássicas.

Segundo Nerlich (2003. p.135), no referente artigo capítulo *Dom Quixote ou o combate em torno de um mito*, foi o filósofo romântico alemão Heinrich Heine, em seu estudo sobre a obra de Cervantes, quem considerou que, com seu Quixote demolindo o romance de cavalaria, o autor cria o romance moderno, “abrindo assim o espaço romanesco para o povo, sem com isso renunciar ao sublime”. O certo é que de alegoria alusiva à biografia do autor e à história contemporânea ao discurso panegírico, de crítica à sociedade de sua época ao existencialismo, em quatrocentos anos, as leituras do Quixote, que possivelmente podem dialogar entre si, serviram para engrandecer a compreensão da obra. Salvo a impossibilidade de dizer com exatidão a forma como os contemporâneos de Cervantes receberam a obra<sup>2</sup>. Close, por sua vez, na conclusão de seu texto, ressalta o fato de que não há uma leitura que seja a essência do romance de Cervantes, mas que

el sentido del Quijote es nada más que una sucesión de estructuras históricas, sin esencia estable. Sin embargo, tal escepticismo, aunque muy a tono con algunos de los sistemas teóricos de moda, sería injustificado. Por paradójico que resulte afirmarlo, la comprensión de ciertos aspectos esenciales del Quijote no ha variado en cuatrocientos años<sup>3</sup>.

Por ser uma sucessão de estruturas históricas — bem ao gosto sucessivo das desventuras em série do próprio Quixote — que respondem aos questionamentos de suas épocas, embora alguns parecem se contradizer, o romance se renova através da leitura. Por esse e outros motivos, até hoje essa obra-prima da literatura clássica é admirada tanto pela polifonia de interpretações, quanto pela riqueza de estilos e seu humor universal.

Em sua mais famosa obra, Cervantes desconstrói, através de sua personagem, o ideal medievo de herói, bravo cavaleiro sempre em busca de aventuras pautado no dualismo entre os valores cristãos e do amor carnal, já em declínio<sup>4</sup>, criando-nos o primeiro anti-herói conhecido da literatura

<sup>1</sup> O texto de Anthony Close ao qual fazemos referência foi retirado da página eletrônica do Centro Virtual Cervantes e está disponível em [http://cvc.cervantes.es/obref/quijote/introduccion/prologo/close\\_a.htm](http://cvc.cervantes.es/obref/quijote/introduccion/prologo/close_a.htm).

<sup>2</sup> Para Nerlich (In.: BRICOUT, 2003. p.124), tal impossibilidade se dá pelo fato de “que os contemporâneos de competência filosófica e literária comparável à Cervantes não escreviam interpretações de texto como as que conhecemos desde o final do século XVIII”.

<sup>3</sup> “O sentido do Quixote nada mais é que uma sucessão de estruturas históricas sem essência estável. No entanto, tal ceticismo, embora em consonância com alguns dos sistemas teóricos da moda, seria injustificado. Por mais paradoxal que seja afirmar, a compreensão de certos aspectos essenciais do Quixote não mudaram em quatrocentos anos”.

<sup>4</sup> No romance, o próprio Dom Quixote lamenta a *diabólica invención* da pólvora, o que contribuiu para o fim das guerras cavalleirescas, junto com a perda do poder real, o que tornou cada vez menor a autonomia tanto política quanto militar da classe dos cavaleiros.

ocidental. Dessa maneira, acaba por criar Dom Quixote como um amálgama paródico que satirizava com as chamadas novelas de cavalaria: além de escolher para si um nome que era o mesmo de uma peça da armadura destinada para proteger a coxa e habitar uma região pobre e longínqua, Quixote não descendia de origem nobre; não era jovem, nem forte como um cavaleiro deveria ser; não possuía montaria à altura do posto de cavaleiro; e, por fim, a dama por quem se enamorou era uma lavradora de uma cidade vizinha, Toboso, e, para falar a verdade, nada tinha de dama. Mesmo assim, fascinado pelas histórias de cavalaria, decide sair pelo mundo a fora em busca de aventuras e, como um cavaleiro andante, defendendo sempre o bem na incansável luta contra o mal. Exemplo máximo da ironia romântica em todas suas manifestações, o Quixote apresenta, para o indivíduo moderno, a luta simbólica entre o ideal e o real.

## **2 Drummond: o lado *gauche* do quixotismo**

Em 1972, Drummond publica um opúsculo com 21 poemas alusivos às gravuras que Portinari fez, em 1956, sobre Dom Quixote e Sancho Pança. Neles não só havia coerência com as imagens do pintor e com Cervantes como também uma construção cronológica da narrativa, agora poética, da vida de Dom Quixote, revelando, dessa forma, um olhar drummondiano sobre o famoso clássico espanhol. É a primeira vez que Drummond escreve explicitamente sobre o Quixote. Apesar disso, o poeta cria, desde o primevo de sua obra, um elemento lírico, a saber, o *gauche*, que se identifica profundamente com algumas características do personagem cervantino, como veremos mais adiante.

Segundo Affonso Romano de Sant'Anna, um dos maiores críticos drummondianos, o *gauche* é o elemento estético-existencial adotado por Drummond para projetar, em sua lírica, um de seus traços psicológicos mais marcantes: a timidez. Nesse sentido, este “tímido que a tudo assiste à distância é a tomada de consciência do poeta de sua própria constituição psicológica” (SANT'ANNA, 1980. p.23). Nesse sentido, apesar de tímido, o *gauche* nada tem de ingênuo, e, ainda segundo o autor (1980, p.23), além de crítica da sociedade/realidade circundante “é crítica de si mesma, e é desse esforço para se esclarecer e se definir [...] que nasce toda a obra”. É necessário, no entanto, esclarecermos que, por ser um elemento construído na constituição de seu próprio fingimento poético, ao revelar-se difere do autor por ser uma idealização que se mescla e alterna com o próprio autor, como bem nos lembram as palavras de Fernando Pessoa, em seu poema *Autopsicografia*: “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente” (PESSOA, 2006. p.33).

A gênese do *gauche* está no “Poema das sete faces”, onde vemos o nascimento de sua condição na esdrúxula intervenção de um anjo torto. Diz o poeta:

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida. (ANDRADE, 2002. p.5)

Aqui, a figura alegórica do anjo surge para chamar o eu-poético à vocação, sua condição de ser-no-mundo. O adjetivo adotado pelo poeta para se (auto)definir enquanto construção ficcional, advindo do vernáculo francês, representa a qualidade do anti-herói moderno, à esquerda dos acontecimentos, um excêntrico desgarrado de suas origens, desajustado e, por isso, inserido, desde o berço, numa região de infelicidade. Uma visão pessimista de sua personalidade reservada, tímida. Assim, seu batismo diante do mundo é ser *gauche*, onde ele é caracterizado pelo

contínuo desajustamento entre a sua realidade e a realidade exterior. Há uma crise permanente entre o sujeito e o objeto que, ao invés de interagirem e se complementarem, terminam por se opor conflituosamente. Para usar um sinônimo drummondiano, tal tipo é um excêntrico; perde a noção das proporções e, colocando-se fora do ponto que lhe seria natural para manter-se em equilíbrio, termina comportando-

se como um deslocado, como uma *displaced person* dentro do conjunto. (SANT'ANNA 1992. p.38)

Em Dom Quixote<sup>5</sup>, por sua vez, o anti-nerói é batizado por um estalajadeiro, de características tortas, porque, segundo o narrador, não passa de um ladrão, um marginal, como nos dá o conhecimento “equivocado” de Quixote sobre o tal homem: “Pensó el huésped que el haberle llamado castellano había sido por haberle parecido de los sanos de Castilla, aunque él era andaluz, y de los de la playa de Sanlúcar, no menos ladrón que Caco, ni menos meliante que estudiantado paje”<sup>6</sup> (CERVANTES, 2004. p.38). Logo depois, para ter uma noite de risos, concorda em batizá-lo:

— No esperaba yo menos de la gran magnificencia vuestra, señor mio – respondió don Quijote –, así os digo que el don que os he pedido y de vuestra liberalidad me há sido otorgado es que mañana [...] como tengo dicho, se cumplirá lo que tanto deseo, para poder como se debe ir por todas las cuatro partes Del mundo buscando las aventuras en pro de los menesterosos, como está a cargo de la caballería y de los caballeros andantes, como yo soy, cuyo deseo a semejantes fazañas es inclinado.

El ventero, que, como está dicho era un poco socarrón y ya tenía algunos barruntos de la falta de juicio de su huésped, acabó de creerlo cuando acabó de oírle semejantes razones y, por tener que reír aquella noche, determinó de seguirle el humor [...] <sup>7</sup> (CERVANTES, 2004. p.41-2)

Ao compararmos as duas passagens, a saber, os excertos de Drummond e de Cervantes, respectivamente, apesar de ser mais uma coincidência do que de uma intertextualidade explícita, observamos que assim como o anjo batiza o eu-poemático heteronímico de Drummond, Carlos, escalando-o para sua vocação existencial, a figura do estalajadeiro permite o prosseguimento do cavaleiro Dom Quixote ao inseri-lo “verdadeiramente” no mundo de suas aventuras *cavaleirescas*, por assim dizer. É, então, a partir da idéia de que o *gauche* é um desajustado ou um deslocado, isto é, um sujeito fora de seu centro, que Dom Quixote também é um personagem *gauchesco*, uma vez que nele também verificamos um desajuste entre sua (ideal) realidade, plasmada a partir dos livros de cavalaria, e a realidade exterior. Porém, é importante ressaltarmos que, nesse aspecto, os *gauchismos*, ou quixotismos, se comportam de maneiras diferentes: enquanto no cavaleiro cervantino tal elemento figura como loucura, mas que não o impede de enfrentar os perigos dos quatro cantos do mundo, no drummondiano é a timidez que sobressai fazendo com que ele se coloque à margem para melhor observar a realidade que o circunda através um olhar analítico, um olhar crítico sobre a realidade social.

Para o meio em que habita, o *gauche* é aquele que fica à margem dos acontecimentos, não se envolve, não detém nenhum poder, apenas observa. Isso acontece porque existe certa disritmia entre o este e a realidade onde ele está inserida: ao ser tortamente inscrito na realidade, “ele rompe com a harmonia normal, introduz seu ritmo próprio, que não coincide com o andamento comum. Essa ruptura [...] funciona como ponte entre ele e o mundo” (SANT'ANNA, 1980. p.59). O *gauche* drummondiano,

<sup>5</sup> Para a composição deste trabalho, todas as citações referentes ao romance *Don Quijote de La Mancha* foram retiradas da edição do IV Centenário publicada pela Real Academia Española/Asociación de Academias de La Lengua Española, com edição e notas de Francisco Rico.

<sup>6</sup> “Pensou o anfitrião que o nome **castelão** seria troca de **castelhano**; embora ele era andaluz, e dos da praia de Sanlúcar, tão ladrões quanto o próprio Caco, e malandros como um estudante pajem”.

<sup>7</sup> “— Não esperava eu menos de vossa grande magnificência, senhor meu – respondeu Dom Quixote –, e assim vos digo que a mercê que vos hei pedido, e que a vossa liberalidade me afiança, é que amanhã [...] como digo, se cumprirá o que tanto desejo, para poder, como se deve, ir por todas as quatro partes do mundo buscar aventuras em prol dos necessitados como incumbe à cavalaria e aos cavaleiros andantes, qual eu sou, por inclinação de minha índole. O estalajadeiro, que era, como já se disse, folgazão, e já tinha seus barruntos da falta de juízo do hóspede, acabou de o reconhecer quando tal lhe ouviu; e para levar a noite de risota, determinou fazer-lhe a vontade.”

entra na luta com ‘apenas duas mãos/ e o sentimento do mundo’, sabendo que ‘lutar com palavras/ é a luta mais vã’, mas transformar a fraqueza em força, a negação em afirmação, e a brecha entre ele e o mundo converte-se no elemento propiciador do salto que constitui a superação do conflito entre o Eu e a realidade (SANT’ANNA, 1980. p.24).

Da mesma forma, o Quixote encontrava-se inadequado ao mundo em que vivia e, por isso, lutava contra moinhos de vento na tentativa de transformar a realidade e resgatar os valores nobres da cavalaria e do *Siglo de Oro*.

— Calla, amigo Sancho – respondió don Quijote –, que las cosas de la guerra más que otras están sujetas a continua mudanza; cuanto más, que yo pienso, y es así verdad, que aquel sabio Frestón que me robó el aposento y los libros ha vuelto estos gigantes en molinos, por quitarme la gloria de su vencimiento: tal es la enemistad que me tiene; mas al cabo al cabo han de poder poco sus malas artes contra la bondad de mi espada<sup>8</sup>. (CERVANTES, 2004. p. 76)

Aqui, vemos claramente que gauchismo e quixotismo divergem: o primeiro mantém distância analítica dos acontecimentos, fica no seu canto, num imobilismo crítico que inquieta, apenas observando; o segundo, por sua vez, vai à luta por seus valores e lança-se ao mundo. Isso pode ser melhor constatado num poema mais tardio de Drummond, intitulado “O Malvindo”, onde, numa intertextualidade explícita com o cavaleiro da triste figura, o eu-poemático revela:

Vive dando cabeça.  
Navegou mares errados,  
perdeu tudo que não tinha,  
Amou a mulher difícil.  
Este, o triste cavaleiro  
de tristíssima figura  
que nem mesmo teve a graça  
de estar ao lado de Alonso  
e poder narrar eventos  
nos quais entrou de mau jeito  
mas com sabor de epopéia. (ANDRADE, 2002. p.1420)

O título nos sugere, pela oposição negativa ao seu antônimo, bem-vindo, alguém que enfrenta malogros através de suas esperanças frustradas, uma vez que sofre toda sorte de sortilégios contrários ao ideal romântico do *happy-ending*: “amou a mulher difícil” e que ama torto cada vez. O próprio Dom Quixote, que é junto com seu par moderno um “triste cavaleiro de tristíssima figura”, amava uma mulher idealizada, amava, assim, o impossível. Percebemos, então, ao ler o excerto do poema, que tanto um personagem quanto o outro são na vida grandes perdedores, e as perdas de ambos está relacionada com a quebra de suas ilusões, com suas derrotas. Affonso Romano de Sant’Anna (1992:246) recorre à imagem do “poeta da derrota”, tão comum na poesia de Carlos Drummond de Andrade. Desde sua primeira aparição, o *gauche* trazia o crivo da derrota. E é dessa maneira, como o poeta da derrota, que ele paradoxalmente tem seu êxito. Diferentemente da tradição helênica, onde os poetas compunham odes para saudar e exaltar as conquistas dos “atletas vencedores”, o eu-poético drummondiano ergue-se se confessando como “poeta da derrota” que se levanta, “sem revolta e sem pranto / para saudar os atletas vencidos”, como podemos observar no poema seguinte, “Aos Atletas”:

[...]  
Mas eu, poeta da derrota, me levanto  
sem revolta e sem pranto

<sup>8</sup> “— Cala a boca, amigo Sancho – disse Dom Quixote –, que as coisas da guerra são de todas as mais sujeitas a contínuas mudanças; e o que eu mais creio, e deve ser verdade, é que aquele sábio Freston, que me roubou o aposento e os livros, transformou estes gigantes em moinhos, para tirar-me a glória de os vencer, tamanha é a inimizade que me tem; mas ao final, pouco hão de valer as suas más artes contra a bondade de minha espada.”

para saudar os atletas vencidos.

Que importa hajam perdido?  
Que importa o não-ter-sido?  
[...]  
pois perder é tocar alguma coisa  
mais além da vitória, é encontrar-se  
naquele ponto onde começa tudo  
a nascer do perdido, lentamente.  
[...]  
Nem heróis argivos nem párias,  
voltam os homens — estropiados  
mas lúcidos, na justa dimensão. (ANDRADE, 2002. p.615-7)

Dom Quixote também é certamente um derrotado. Ao final de suas peripécias, perde tudo que não tinha: sua mulher ideal, a liberdade de lutar por seus ideais e resgatar a nobreza da cavalaria. Enfim, perde as ilusões nas quais acreditou e pelas quais lutou. Seu fim é morrer de uma extrema melancolia por ter sido ferido em “seu **desejo** de glória **frustrado** e [...] várias **perdas**” (FLORES, 2002. p.76, grifo nosso).

[...] de que ya yo no soy Don Quijote de La Mancha, sino Alonso Quijano, a quien mis costumbres me dieron renombre de “bueno”. [...]  
— Los de hasta aquí [...], que han sido verdaderos en mi daño, los ha de volver mi muerte, con ayuda del cielo, en mi provecho. [...]  
— Señores – dijo don Quijote –, vámonos poco a poco, pues en los nidos de antaño no hay pájaros hogaño. Yo fui loco y ya soy cuerdo; fui don Quijote de la Mancha y soy ahora, como he dicho, Alonso Quijano el Bueno. Pueda con vuestras mercedes mi arrepentimiento y mi verdad volverme a la estimación que de mí se tenía [...] <sup>9</sup>. (CERVANTES, 2004. p.1100-3)

Tal sentimento melancólico pelas frustrações e perdas também se faz presente no elemento drummondiano. Mas, ao contrário de seu predecessor, este ainda nutre, com forças de quem está prestes a desistir completamente, alguma esperança. Mesmo diante da completa nulificação de suas possibilidades diante dos tempos passado e presente, o eu-poético nutre grandes esperanças que, entre gritos gagos e mãos dadas, se apegam à esperança do presente tão grande, da vida presente. Assim como em Dom Quixote, o *gauche* se mostra melancólico no desengano da defasagem que existe entre “Eu e o Mundo”, onde, segundo Sant’Anna (1980. p.24), “se constitui numa extensão do autor em busca de um elemento reparador ou descritivo de seu conflito”. Na mágica colcha de retalhos da epifania verbal do próprio Drummond, ele nos diz:

[...]  
Meu bem, o mundo é fechado,  
se não for antes vazio.  
O mundo é talvez: e é só.  
Talvez nem seja talvez.  
O mundo não vale a pena,  
mas a pena não existe.  
[...]

---

<sup>9</sup> “ [...] de que já não sou Dom Quixote de La Mancha, mas sim Alonso Quijano, a quem por meus costumes me nomearam de “Bom”.

— Os (contos) que até aqui têm sido verdadeiros só em meu próprio juízo, haverá de mudá-los minha morte, com a ajuda do céu, em meu proveito.[...]

— Senhores – disse dom Quixote –, vamos devagar, pois nos ninhos do passado não há mais pássaros (**o que já foi não é mais**). Eu já fui louco e hoje estou no meu juízo; fui Dom Quixote de La Mancha e sou agora, como disse, Alonso Quijano, o Bom. Possam, com Vossas Mercês, o meu arrependimento e a minha verdade restituir-me a estima em que me tinham [...]”.

Mas o sonho não existe.  
Meu bem, assim acordados,  
assim lúcidos, severos,  
ou assim abandonados,  
deixando-nos à deriva  
levar na palma do tempo  
— mas o tempo não existe —,  
sejamos como se fôramos  
num mundo que fosse: o Mundo. (ANDRADE, 2002. p. 260-1)

No final de sua vida, o mesmo desengano que aflige Dom Quixote, voltando amargurado e derrotado pelo cavaleiro da Branca Lua, toma conta do *gauchismo* drummondiano. Podemos ver claramente nas duas últimas estrofes do poema “A Máquina do Mundo”, este sentimento de derrota e desengano:

A treva mais estrita já pousara  
sobre a estrada de Minas pedregosa,  
e a máquina do mundo, repelida,  
  
se foi miudamente recompondo,  
enquanto eu, avaliando o que perdera,  
seguia vagaroso, de mãos pensas. (ANDRADE, 2002. p.304)

No poema acima vemos que, enquanto a máquina do mundo alegoricamente ceifa os destinos, o eu-poético, *gauche* de si mesmo, num gesto de recomposição, segue sem qualquer resposta que console diante do completo desencontro entre seus desejos e o faminto caminhar “devórico” do cosmos. Apesar de tudo, o *gauche*, assim como o Quixote, anseia pela tranquilidade de um mundo idealizado.

## **Conclusão**

Como mito do individualismo moderno, segundo o conceito de Ian Watt que adotamos, Dom Quixote se identifica com a forma *gauche* da dicção poética drummondiana no que concerne à busca por uma saída para a defasagem que existe entre o Eu e o (seu) Mundo (moderno). No dizer de Sant'Anna, crítico cuja análise da obra de Drummond norteou este trabalho,

Sendo a obra do *gauche* uma maneira de interferir na realidade, erige-se ela própria como uma realidade autônoma. A obra poética do *gauche* é essa concreção saída da defasagem entre o Eu e o Mundo, e que se constitui numa extensão do autor em busca de um elemento reparador ou descritivo de seu conflito. Nesse sentido é que o artista é um *homo faber* adicionando um objeto a mais à natureza. (SANT'ANNA, 1980. p.24)

Desse modo, como pudemos observar, as criações cervantina do Dom Quixote e drummondiana do *gauche* apresentam leituras bastante próximas ao relacionarmos suas experiências de ser-no-mundo, desde pequenas coincidências até referências mais explícitas. Ao estilo dos românticos, ambas as representações ressaltam o embate entre **sonho** e **realidade**, como também a universalidade mítica da obra — que durará até quando não mais houver respostas para as perguntas das futuras gerações. Por esse motivo é que a força plástica de ambos os textos transforma suas personagens em uma espécie de mito visual da modernidade: personagens que, não estando satisfeitos com a realidade que lhes são impostas, seguem na incansável luta contra gigantescos moinhos de vento para conseguir alcançar seus ideais.

Ao verificar tais semelhanças na luta diegética de suas próprias existências, vemos que, mutilados na aporia de suas quimeras, o *gauche* e o Quixote são imagens sublimes e grotescas das exigências de justiça e pureza confrontadas com a estupidez e mesquinhez da vida humana. Personagens



gens estes que se assemelham ao indivíduo moderno por serem de carne e osso e sofrerem dos mesmos maus, acompanhando, assim, o espírito de suas épocas e respondendo às novas questões que nascem nos contrastes do indivíduo moderno.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- [2] CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha**. Edición de la Real Academia Española/Asociación de Academias de La Lengua Española. Edición y notas de Francisco Rico. Espanha: Alfaguara, 2004.
- [3] CLOSE, Anthony. Las interpretaciones del Quijote. Centro Virtual Cervantes. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/obref/quijote/introduccion/prologo/close\\_a.htm](http://cvc.cervantes.es/obref/quijote/introduccion/prologo/close_a.htm). Acesso em: 15 dez. 2007.
- [4] FLORES, Célia Navarro. **Dois quixotes brasileiros na tradição das interpretações do Quixote de Cervantes**, 2002. 193 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua e Literatura Hispano-Americanas) USP. São Paulo.
- [5] FRYE, Northrop. **Fábulas de identidade**: estudos de mitologia poética. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- [6] IANNI, Octávio. **Tipos e mitos da modernidade**. III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural, 2000. Disponível em: [www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2475.doc](http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2475.doc). Acesso em: 28 jan 2008.
- [7] JAKOBSON, Roman. Os oximoros dialéticos de Fernando Pessoa. In.: **Linguística, poética, cinema**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Debates, 22).
- [8] NERLICH, Michael. Dom Quixote ou o combate em torno de um mito. In.: BRICOUT, Bernadette (Org.). **O olhar de Orfeu**: os mitos literários do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- [9] PESSOA, Fernando. **Poemas de Fernando Pessoa**. (Seleção, prefácio e posfácio de Eduardo Lourenço. 2.ed. Paço de Arcos, Portugal: Visão/JL, 2006.
- [10] SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Carlos Drummond de Andrade**: análise da obra. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- [11] \_\_\_\_\_. **Drummond: o gauche** no tempo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- [12] WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

---

<sup>1</sup> Kleyton Ricardo Wanderley PEREIRA, mestrando em Teoria da Literatura  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE  
Bolsista do CNPq  
[doublisth@gmail.com](mailto:doublisth@gmail.com)